



Música na APAE: corporeidade, afeto e sensibilização por meio da música

Maria Amélia de Resende Viegas¹

Jean Carlos Rafael²

Milena Andrade da Silva³

Categoria: Comunicação

Resumo: Este artigo tem por objetivo apresentar algumas reflexões acerca do ensino musical para pessoas com Deficiência Intelectual (DI), no âmbito de um programa de extensão intitulado “Música na APAE”. Esse programa, iniciado em 2016, tem proporcionado aos alunos com deficiência e suas famílias, oportunidades de despertar e desenvolver suas potencialidades artístico-musicais, bem como um contato mais profundo com o vasto mundo da música erudita, popular, brasileira e de outras culturas. A música é uma área de conhecimento que acessa caminhos cognitivos não convencionais, englobando o afeto, a corporeidade e a sensorialidade, por isso pode representar um caminho de desenvolvimento cognitivo mais significativo para pessoas que percebem e sentem a vida de outra forma.

Palavras-chave: Música e deficiência intelectual. Música na APAE. Educação musical inclusiva.

Title of the paper in English: Music at APAE: embodying, affection and the use of senses through of music

Abstract: This article aims at presenting some reflections about teaching music to mentally disabled people (ID) in an extension program called “Music at APAE”. This program, which began in 2016, has given opportunities to find and develop disabled students’ musical and artistic abilities as well as having provided a deeper contact with the vast classical, popular, Brazilian music world and from other cultures to both students and their families. Music is an area in knowledge that has access to non conventional cognitive ways that involves affection, embodying and using the senses. Due to this, music can represent a more significant alternative to the cognitive development for people who feel life and live differently.

Keywords: Music and intellectual disability. Music at APAE. Inclusive musical education.

¹ Mestre em Música, Universidade Federal de São João del-Rei – UFSJ, Departamento de Música, ameliaviegas@ufs.edu.br.

² Graduando em Licenciatura em Música, Universidade Federal de São João del-Rei – UFSJ, jean_fael@hotmail.com

³ Graduando em Licenciatura em Música, Universidade Federal de São João del-Rei – UFSJ, milenaandradeprados@hotmail.com.



Introdução

O tema da Educação Inclusiva tem emergido nos últimos anos, se tornando cada vez mais presente em documentos legais (BRASIL, 2015) e no meio acadêmico. Apesar disso, a Educação Musical Especial no Brasil ainda caminha timidamente e não são muitas as iniciativas neste sentido. Ainda assim, algumas publicações (LOURO, 2012; LOURO, 2016) e pesquisas crescem a cada ano fomentando o debate. No curso de Licenciatura em Música da Universidade Federal de São João del-Rei (MG), desde o ano de 2014 estão sendo desenvolvidas ações no sentido de estimular a discussão e o interesse pela Educação Musical Inclusiva. Em 2015, após a realização de cursos promovidos pela coordenação desse curso, foi implantado o Estágio Supervisionado de Educação Musical na APAE de São João del-Rei. A APAE é uma entidade civil, educacional e filantrópica sem fins lucrativos, que presta assistência à saúde e educação das pessoas com deficiência intelectual e múltipla⁴. As APAES atuam na Educação Infantil, Ensino Fundamental, Educação profissional, e Educação de Jovens e Adultos-EJA. Na APAE de São João del-Rei contamos com um setor de saúde que dispõe de profissionais como psicólogos, médicos, fisioterapeutas, fonoaudiólogos, entre outros, e uma equipe pedagógica de professores cedidos pela rede municipal e estadual.

No ano de 2016, pelo sucesso da iniciativa de implantação do estágio supervisionado de educação musical, foi criado e aprovado o Programa de Extensão “Música na APAE”, que contou inicialmente com dois bolsistas e dois voluntários para ministrar as aulas de musicalização para todas as turmas da APAE. A importância deste programa se dá na contribuição que as aulas de música têm oferecido aos alunos, familiares e professores da APAE, bem como no crescimento de pesquisas na área. A prática pedagógica diária tem mostrado que a música pode facilitar o processo de aprendizagem, proporcionando o desenvolvimento dos vínculos afetivos entre os alunos, favorecendo o movimento, e desenvolvendo a liberação das energias criativas.

⁴ “O Movimento Apaeano é uma grande rede, constituída por pais, amigos, pessoas com deficiência, voluntários, profissionais e instituições parceiras - públicas e privadas - para a promoção e defesa dos direitos de cidadania da pessoa com deficiência e a sua inclusão social. Atualmente o Movimento congrega a Fenapaes - Federação Nacional das APAES, 24 Federações das APAES nos Estados e mais de duas mil APAES distribuídas em todo o País, que propiciam atenção integral a mais de 350 mil pessoas com deficiência intelectual e múltipla. É o maior movimento social do Brasil e do mundo, na sua área de atuação.” Disponível em <http://apaebrasil.org.br/page/2> Acesso em 13/09/2019



Deficiência intelectual e música

A deficiência Intelectual (DI) é definida como uma

condição de desenvolvimento interrompido ou incompleto da mente, que é especialmente caracterizado pelo comprometimento de habilidades manifestadas durante o período de desenvolvimento, que contribuem para o nível global de inteligência, isto é, cognitivas, de linguagem, motoras e habilidades sociais (OMS, 1992 apud KE, X; LIU, J, 2015, p.2)

A Deficiência Intelectual é diagnosticada antes dos 18 anos de idade, e sua etiologia está ligada a fatores que podem ocorrer antes do nascimento-distúrbios cromossômicos, como por exemplo os presentes na Síndrome de Down e na Síndrome do X-Frágil-, durante o nascimento-complicações no parto, prematuridade-, e após o nascimento-infecções cerebrais, desnutrição e sub-estimulação (sic) severa (KE,X; LIU,J, 2015). O quadro clínico da DI inclui comprometimentos nas habilidades cognitivas, de linguagem e comportamentais, com prejuízos na fala, na atenção, percepção, concentração, memória, e, principalmente dificuldades na capacidade de pensamento abstrato e habilidades sociais. A DI pode ser classificada como Leve, Moderada, Grave ou Profunda, de acordo com a medição realizada em testes específicos para isso, como os testes de QI-Quociente de Inteligência⁵. No entanto, há uma tendência cada vez maior para abolição desses testes, em prol de avaliações mais abrangentes, que levem em conta aspectos sociais e comportamentais. Como cita Louro:

Essas quatro classificações(...), do ponto de vista social e /ou pedagógico, são irrelevantes, uma vez que a pessoa com deficiência cognitiva pode apresentar alguma habilidade cognitiva ou mesmo grande talento artístico, apesar de um QI baixo (LOURO, 2012, p.122).

⁵ “QI é um indicador derivado de um de vários testes. Existem muitos tipos de testes de QI que procuram medir habilidades gerais ou específicas: leitura, aritmética, vocabulário, memória, conhecimentos gerais, visual, verbal, raciocínio abstrato, etc. Os testes de QI bem conhecidos incluem a Escala de Inteligência Wechsler para Crianças, Stanford-Binet, Bateria de Kaufman para Avaliação de Crianças, e Matrizes Progressivas de Raven” ((KE, X; LIU, J, 2015, p.3). As pessoas com QI abaixo de 70 pontos são consideradas deficientes intelectuais. O diagnóstico de Deficiência Intelectual é dado por um neurologista e o acompanhamento feito por uma equipe multidisciplinar de profissionais da saúde mental.



Na Apae de São João del-Rei temos trabalhado com crianças que apresentam vários graus de deficiências e com associações diversas a outros transtornos e ou quadros de desordens mentais, como Autismo, Paralisia Cerebral, Síndrome de Down, entre outros. Mas, o prevalente nesta população de deficientes intelectuais da Apae de São João del-Rei são os casos de privação social associada. Essas crianças são desnutridas, sofrem violência doméstica, privação intelectual, afetiva e socioeconômica, gerando quadros de DI e sua manutenção em patamares difíceis de reverter pela complexa fragilidade do quadro social presente. Por isso, a Música, com todo seu potencial mobilizador, tem se mostrado uma ferramenta valiosa de desenvolvimento cognitivo, motor, social e afetivo nesse contexto.

Segundo Levitin, “a atividade musical mobiliza quase todas as regiões do cérebro de que temos conhecimento, além de quase todos os subsistemas neurais” (LEVITIN, 2010, p.100). Ao ouvir música, estimulamos várias áreas cerebrais, como o córtex motor (que rege o movimento, relacionado ao elemento rítmico), o córtex auditivo, o córtex visual (envolvendo a leitura da notação musical), o hipocampo (relacionado à memória) e a amígdala (reações emocionais à música) (LEVITIN, 2010). Através do ensino musical é possível escolher atividades que possam contribuir com a estimulação precoce de crianças acometidas por lesões que afetam estas regiões. Isso mostra como a música trabalha de forma integral os diferentes aspectos da educação das crianças.

Entendemos, assim, que a música pode ser, no dizer do pensador Vigotski, um caminho “indireto” para o desenvolvimento da pessoa com DI:

(...) porque o defeito produz obstáculos e dificuldades no desenvolvimento e rompe o equilíbrio normal, ele serve de estímulo ao desenvolvimento de caminhos alternativos de adaptação, indiretos, os quais substituem ou superpõem funções que buscam compensar a deficiência e conduzir todo o sistema de equilíbrio rompido a uma nova ordem (VIGOTSKI, 2011, p. 869).

Por fim, devemos ressaltar ainda que a educação musical pode ser um instrumento de transformação social para essas crianças. Nesta abordagem, o ensino musical não estará se prestando somente à formação de músicos profissionais, mas



entendendo a música como complemento estético da vida humana em geral, devendo ser acessível a todos, exercendo uma função social, democratizante e integrativa.

Metodologia e desenvolvimento

A metodologia deste programa foi desenvolvida através de oficinas de musicalização para todas as turmas da APAE. A musicalização aqui é compreendida de forma abrangente, ou seja, como um processo que visa desenvolver e despertar os canais perceptivos dos alunos ao material sonoro. Como cita Fernandino (2017):

Nesse entendimento, a musicalização ultrapassa a mera transmissão de conteúdos musicais, desenvolvendo capacidades perceptivas, fomentando o potencial expressivo e criativo, além de promover a interação pessoal e musical entre os participantes (FERNANDINO, 2017, p.35).

As oficinas são oferecidas desde o ano de 2016 para as crianças da Educação Infantil, Ensino Fundamental, para a Educação De Jovens e Adultos-EJA, e as turmas do Autismo (infantil e adulto). As turmas da APAE têm entre 5 a 10 alunos (crianças) e entre 10 a 15 adultos (EJA). As turmas são mistas e temos diversas deficiências presentes, como crianças com deficiência auditiva, visual, autistas, crianças com paralisia cerebral, síndrome de Down etc. O que é comum em todas as elas, é a Deficiência Intelectual, condição necessária para se estar na APAE.

As aulas para todas as turmas são seguidas por uma rotina, com uma canção de entrada ou o “jogo do silêncio” (para focar a atenção das crianças) para se iniciar a aula, atividade central, variação da atividade, relaxamento/apreciação e canção de despedida. A rotina, para esse público é extremamente importante. Segundo Louro (2012) devemos sempre manter uma rotina nas aulas para as pessoas com DI, “pois a sequência lógica das atividades colabora muito com a organização neurológica” (LOURO, 2012, p.133) dessas pessoas. Outro ponto que devemos ressaltar em nossa prática é a repetição das atividades. É preciso que se repitam as atividades como foram feitas, e também variações das mesmas em outros formatos, pois como esses alunos têm prejuízos na sua capacidade cognitiva e de memória, é necessário um reforço maior, que fixe os conteúdos apresentados.



Nessas oficinas são utilizadas abordagens ativas da educação musical. Para isso, trabalhamos com os princípios da metodologia Dalcroze⁶, que preconiza o trabalho corporal e a sensibilização musical como fator principal de desenvolvimento musical e humano. Também nos utilizamos dos princípios da pedagogia Willems⁷, por entender a educação musical de forma holística, propondo atividades que envolvam tanto os aspectos musicais, quanto os psicológicos e afetivos do processo educacional.

No segundo semestre do ano de 2018 a abordagem das aulas de música começou a ser pensada na forma de ampliar e explorar as competências musicais que as crianças e adultos adquiriram nos anos anteriores de funcionamento do projeto.

Como referencial metodológico para organização das aulas e sistematização do processo de ensino-aprendizagem deste ano de 2019, adotamos a Matriz Curricular de França (2006). Essa matriz, idealizada para a escola regular (Ensino Fundamental- 1ª a 4ª série) é uma proposta de currículo musical flexível e aberto, baseado na concepção rizomática da educação e nos fundamentos da Matriz Curricular de Swanwick (1994) (apud França, 2006).

Segundo França (2006),

A metáfora do rizoma tem como fundamento a multiplicidade. Sugere uma rede de idéias (sic) com inúmeras possibilidades que podem se conectar a outras em direções múltiplas conforme oportunidades lhe apareçam (FRANÇA, 2006, p.69).

A Matriz possui 6 temas musicais (Duração, Altura, Intensidade e Timbre, Caráter Expressivo e Contexto, Estruturação Musical e Notação Musical) que se subdividem em vários tópicos, que explicitam pormenorizadamente os conteúdos a serem trabalhados. É preciso ressaltar que os temas e seus subtemas estão alicerçados no que França (2006) chama de “conceitos fundantes”, pilares da “disciplina” de Música, que são os Materiais Sonoros, o Caráter Expressivo e a Forma, princípios organizadores tomados de Swanwick (1994, apud França, 2006).

⁶ Educador musical, viveu de 1865 a 1950 (FONTERRADA,2003), sendo o precursor das metodologias ativas em educação musical.

⁷ Educador musical belga, aluno de Dalcroze, apontava para a necessidade da educação musical para todos, em detrimento de uma educação limitada somente àqueles que tinham “talento” (FONTERRADA,2003)



A título de exemplo, aqui, vamos nos ater a uma descrição concisa do início da experiência do presente ano, quando resolvemos sistematizar nossa prática a partir da tomada dessa Matriz, com a utilização dos mesmos conteúdos para todos os professores, realização de diários de campo e reuniões semanais de planejamento.

O tema escolhido para iniciarmos o ano foi o Tema Duração, trabalhando o pulso, variação de andamento com caráter expressivo, curto e longo, e som e silêncio, com durações contrastantes. Apesar de todos alunos já serem, de alguma forma, musicalizados desde 2016, voltamos às atividades básicas de pulso, e variação de andamento, só que sob novo enfoque, ou seja, nesse momento estávamos preocupados em observar com maior cuidado e critério as respostas dos alunos em relação às atividades propostas. Foram desenvolvidas várias atividades com bola, cantigas de roda, brincadeiras com o corpo e expressividade corporal, cantação de histórias e cantigas com acompanhamento de instrumentos de percussão sendo tocados pelas crianças, sempre contemplando atividades de Apreciação, e Performance dispostas na Matriz.⁸ Um outro recurso interessante para esse público, utilizados por nós nas aulas de musicalização foi a utilização de acessórios como suporte para as atividades. Numa das aulas, colocamos fitas coloridas formando um caminho, que deveria ser percorrido na pulsação ao som da música “Se essa rua fosse minha”. Os recursos visuais, táteis e multissensoriais são de grande valia nessas práticas. O ensino-aprendizagem multissensorial engloba os sistemas visuais, auditivo, gustativo, tátil, olfativo e proprioceptivo (KOWALSKI, s.d). Apesar de sermos todos aprendizes multissensoriais (KOWALSKI, s.d), as pessoas com DI têm se beneficiado mais dessa abordagem por terem impedimentos na compreensão mais abstrata.

O que podemos perceber dessas atividades com o tema da Duração, é que as crianças e adultos conseguiam realizar o pulso, mas às vezes não conseguiam mantê-lo até o final da canção, por dispersão da atenção e falta de concentração, problemas comuns a essas pessoas, como mencionado anteriormente. Ao baterem o pulso, conseguiam acompanhar as canções com o contorno melódico preciso e afinado, no entanto tinham dificuldade em articular as palavras e guardar as letras. Como foi

⁸ A Criação esteve presente em menor número, pois as crianças com DI têm dificuldades no processo imaginativo.



assinalado no início desse artigo, as pessoas com DI têm dificuldades nas áreas da linguagem e da memória. E como “resolvíamos” essas questões? Repetição, ponto chave- o que estamos descobrindo em relação ao desenvolvimento musical desses meninos é que a recursividade é maior, ou seja, acessamos um estágio e, depois, com a mesma música, às vezes temos que voltar de novo aos anteriores, por questões de memória, atenção etc. Uso do corpo em movimento - o corpo é um recurso essencial, forma de expressividade mais direta e intuitiva, que contribui para a aprendizagem musical de forma lúdica, prazerosa e ativa. Leitura acurada pelo professor, dos pequenos ganhos diários. No contexto da Educação Especial, resultados considerados “pequenos” são de grande valia para as crianças com deficiência e seus pais. Uma palavra dita, um gesto, ou um sorriso podem significar a resposta que tanto esperávamos.

Além do desenvolvimento musical propriamente dito, os alunos também tiveram a oportunidade de conhecer e experimentar diversos instrumentos musicais, distante do universo deles, dando assim, acesso a uma variedade de músicas e possibilidades de conhecimento de fontes sonoras diversas. O Ensino Fundamental explorou o violão, o violino, a flauta doce e transversal, e a percussão. Estagiários e residentes (participantes do programa “Residência Pedagógica Artes”) ajudaram na tarefa de apresentação dos instrumentos. Para a EJA foram apresentados o violão, o violino, a flauta doce, transversal, e o saxofone. O envolvimento de voluntários, estagiários e participantes de outros programas mostrou o quanto o programa tem colaborado para a discussão de uma educação musical mais inclusiva.

Esse início de um ensino mais sistematizado tem se mostrado muito eficiente para nós, uma vez que os conhecimentos adquiridos pelas crianças são cumulativos e estarão presentes, com menor destaque, mas não em menor importância, nos próximos temas que serão trabalhados. Além disso, a produção de material teórico nesta área é muito importante, já que ainda são poucos os estudos publicados.

Considerações finais

As aulas na APAE de São João del-Rei têm nos mostrado que a música pode proporcionar uma síntese de processos cognitivos, afetivos e motores. Ao mesmo tempo que a usamos como recurso, quando ensinamos sequência, por exemplo, a partir de uma



canção, a música proporciona um efeito terapêutico, quando podemos relaxar e sentir uma massagem com ela. Além disso, em todo esse processo as crianças estão adquirindo habilidades musicais, elas conseguem fazer o pulso corretamente e conseguem acompanhar as alturas de uma forma geral. Elas respondem corporalmente, se divertem, compartilham seus saberes e se sentem mais leves e mais felizes.

A Educação Musical pode e deve ser múltipla, funcional, estética e terapêutica, um instrumento valioso para essas crianças se expressarem no mundo tão sofrido em que vivem.

Para o próximo ano, continuaremos trabalhando a partir da Matriz, com enfoque também em atividades de criação, pois entendemos, que, apesar da dificuldade das crianças relacionada à capacidade imaginativa, é preciso que se apresentem desafios a elas, no intuito de obterem ganhos maiores na aprendizagem musical.

Referências

BRASIL, **Lei Brasileira de Inclusão** :Estatuto da Pessoa com Deficiência. Lei 13.146/15 6 de julho de 2015. Disponível em: < <https://institutoitard.com.br/produto/livro-guia-sobre-a-lei-brasileira-de-inclusao-lbi-estatuto-da-pessoa-com-deficiencia-em-pdf/>>. Acesso em: 10/03/2017.

FERNANDINO, Jussara. Corpo e Expressividade nos Processos de Musicalização. In: SANTIAGO, Patrícia Furst; PARIZZI, Betânia; FERNANDINO, Jussara. (Org.). **Corporeidade e Educação Musical**: Coletânea Seminário de Educação Musical: Escola de Música da UFMG. Belo Horizonte: Escola de Música da UFMG-Centro de Musicalização Integrado (CMI)-Programa de Pós-Graduação da Escola de Música da UFMG, 2017, p.35-59.

FRANÇA, Cecília Cavalieri. Do discurso utópico ao deliberativo: fundamentos, currículo e formação docente para o ensino de música na escola regular. **Revista da ABEM**, Porto Alegre, n.15, p.67-79, 2006.

FONTEERRADA, Marisa Trench de Oliveira. **De tramas e fios**: um ensaio sobre música e educação. 2ª ed. - São Paulo: Editora UNESP, 2008.

KE, Xiaoyan; LIU, Jing. Deficiência Intelectual. In REY, JM (Org.). **Tratado de Saúde Mental da Infância e da Adolescência da IACAPAP**. Genebra: International Association for Child and Adolescent Psychiatry and Allied Professions, 2015, p.1-27.

KOWALSKI, K. Z. **Playing in their way**: an innovative approach to teaching piano to individuals with Physical or Mental Disabilities. Somerville: Mousebooks, s.d



LEVITIN, Daniel J. **A música no seu cérebro**: a ciência de uma obsessão humana. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

LOURO, Viviane dos Santos. **Fundamentos da aprendizagem musical da pessoa com deficiência**. São Paulo: Editora Som, 2012.

_____, Viviane dos Santos (Org). **Música e Inclusão: Múltiplos olhares**. São Paulo: Editora Som, 2016.

VIGOTSKI, Lev. Semionovitch. A defectologia e o estudo do desenvolvimento e da educação da criança anormal. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.37, n.4 p.861-870, 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v37n4/a12v37n4.pdf>>. Acesso em: 13/09/2019.